



GT 03. Antropoéticas: outras (etno)grafias

Coordenador(es):

Alexsânder Nakaóka Elias (UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas)

Patrícia dos Santos Pinheiro (UFPB - Universidade Federal da Paraíba)

Sessão 1 - Entre cidades, memórias e imaginação: As poéticas das imagens e das grafias.

Debatedor/a: Fabiana Bruno (Pesquisadora)

Sessão 2 - Metodologias etnográficas subversivas: Experiências e experimentações compartilhadas.

Debatedor/a: Cláudia Turra Magni (UFPEL)

Sessão 3 - O trabalho do antropólogo: sentir, desenhar e escrever.

Debatedor/a: Daniele Borges Bezerra (UFPEL - Universidade Federal de Pelotas)

Em continuidade às activities desenvolvidas no 18º Congresso Mundial da IUAES, na 31ª RBA e na XIII RAM, o grupo de trabalho Antropoéticas: outras (etno)grafias tem como objetivo reunir pesquisadoras/es em Antropologia e áreas afins que promovam em suas pesquisas a relação entre poética e antropologia na composição de uma “antropografia” (Ingold, 2015), levando em conta diferentes metodologias e formas de expressão, tais como hipermídias, filmes, fotografias, desenhos, cartografias, poesias, colagens e outros. Ao pensar, escrever e questionar (e ser questionada/o por) textualidades e imagens, as discussões neste grupo se voltam para tensionamentos e reinvenções do fazer antropológico no contexto contemporâneo, reunindo trabalhos que apontem para uma política da produção de saberes nos quais inscrições do corpo e do cotidiano são parte da textualidade, como sugere Florentina Souza (2005), resultando em expressões éticas, poéticas e políticas. Dessa forma, o intuito será potencializar os diálogos entre conhecimentos acadêmicos e conhecimentos populares anti-hegemônicos, assim como realizar experimentações que extrapolem as fronteiras entre pesquisa, ensino e extensão. Diante de novas visibilidades, texturas, montagens e processos multi interpretáveis, este grupo se propõe a acolher pesquisas inspiradas em teias de fabulação especulativa (Haraway, 2016) que permitam expressar modos de recriar o mundo e, ao mesmo tempo, sejam capazes de desestabilizar e promover a crítica social.

?Fazer Cultura? na BF: reinventando resistências e imaginários sobre a Baixada Fluminense

Autoria: Stella Maris Nunes Pieve (UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro), Maria Lúcia Bezerra da Silva Alexandre, doutoranda em História, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fu

A Baixada Fluminense, Região Metropolitana do Rio de Janeiro, costuma ser conceituada e definida a partir de suas características históricas, geográficas e políticas, e retratada a partir de um cenário de violências, precariedades e ascensão e decadência de seu desenvolvimento econômico. Para falar de Baixada Fluminense, é comum destacar a importância da região enquanto passagem e transporte de produtos e mercadorias, narrar fatos relacionados a grupos de extermínio e práticas violentas desencadeadas na região e/ou apontar o grande número de migrações a partir dos meados do século XX, transformando-a em periferia da metrópole e num aglomerado de cidades dormitórios. No entanto, tais definições e retratos, acabam por expor apenas parte da realidade da região, deixando por vezes encoberta ou até mesmo invisibilizada a vida cotidiana no lugar, especialmente no que diz respeito à arte e cultura. Considerando que a Baixada Fluminense, para além de periferia ou apenas uma região de desenvolvimento, se constitui enquanto lugar



de moradia, work e lazer, podemos destacar também uma Baixada Afetiva (Silva, 2013)*, constituída de memórias e práticas cotidianas, conhecimentos e saberes populares e acadêmicos. É nesse sentido que, nessa pesquisa, lançamos nosso olhar sobre os grupos que ?fazem cultura? na Baixada, procurando destacar o que se apresenta e quais os principais marcos destacados nessa produção sobre a região. Nossa proposta aqui é analisar a produção de grupos e coletivos criativos de três municípios da Baixada Fluminense: 1) Centro Cultural Donana de Belford Roxo, 2) Cineclubes Buraco do Getúlio de Nova Iguaçu e 3) Cineclubes Cinema de Guerrilha de São João de Meriti, buscando entender o que esses buscam apresentar sobre a Baixada e de que maneira, uma vez que tais produções promovem conhecimentos e críticas sociais sobre a região, acessam políticas públicas direcionadas à arte e cultura e democratizam a cultura nas cidades em que atuam. Além disso, nos propomos a observar o discurso subjetivo sobre a região e as questões que nela afloram, considerando as condições históricas, políticas e sociais que permeiam o processo criativo desses grupos e coletivos. Sem negar as vulnerabilidades sociais e econômicas da Baixada Fluminense, o que podemos observar de antemão, é que os grupos e coletivos criativos da Baixada se comprometem a contar a história da BF a partir de roteiros criados por cidadãos da região que desencadeiam histórias de resistência e narrativas do seu próprio cotidiano. * SILVA, Lúcia Helena Pereira. De Recôncavo da Guanabara a Baixada Fluminense: leitura de um território pela história. Recôncavo Revista de História da UNIABEU, v. 3, p. 47-63, 2013.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: